Dia 22 — Santa Cecília, Virgem e Mártir

Martirológio Romano

Santa Cecília, virgem e mártir, em Roma; a qual converteu à fé de Jesus Cristo seu esposo Valeriano e seu irmão Tibúrcio e os animou ao martírio: depois que estes padeceram, Almáquio, prefeito de Roma, mandou prendê-la; e, tendo vencido o fogo, mandou degolá-la no tempo do imperador Marco Aurélio Severo Alexandre. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos Filêmon e Árquipo, discípulos do apóstolo São Paulo, em Colossos, na Frígia; os quais, no tempo do imperador Nero, como os gentios levantassem um tumulto na igreja no dia da festa de Diana, fugindo os demais cristãos, foram presos os dois Santos; e o presidente Artoclo os mandou açoitar e depois, metidos num fosso até a cintura, foram apedrejados até que morreram. (São Filêmon, cidadão de Colossos, homem de qualidade e muito rico, foi convertido à fé por São Paulo em Éfeso ou por seu discípulo Epafras, que foi o primeiro que anunciou o Evangelho aos de Colossos. Onésimo, seu escravo, roubou-lhe alguns tesouros e fugiu a Roma, onde então se achava preso São Paulo. O Apóstolo procurou falar ao escravo, deu-lhe a conhecer sua falta, instruiu-o na verdade eterna e o enviou convertido a seu senhor. A Filêmon escreveu uma carta de recomendação, na qual lhe escreve com uma ternura inimitável e uma persuasão irresistível, e que a Igreja conserva entre seus livros canônicos. Ápia, sua piedosa consorte, é chamada pelo Apóstolo, na mesma carta, amada irmã sua por razão de sua fé e de sua virtude.)

São Máuro, mártir, também em Roma; o qual, vindo da África visitar os sepulcros dos Apóstolos, padeceu no tempo do imperador Numeriano e de Celerino, prefeito da cidade (pelos anos de 284).

O martírio dos santos Marcos e Estêvão, em Antioquia da Pisídia, no tempo de Diocleciano.

São Pásquásio, bispo e confessor, em Autun. (Floresceu no século V, padeceu muitos trabalhos pela fé.)

Santa Cecília, Virgem e Mártir

Foi Cecília uma ilustre donzela romana que desde logo escolheu por herança sua a Jesus Cristo, consagrando-lhe sua virgindade. Em meio disso, seus pais a desposaram com um cavaleiro jovem chamado Valeriano, e começaram a dar-se disposições para as bodas, sendo tudo festas, diversões, música e saraus enquanto aquelas se concluíam. Só o coração de Cecília estava coberto de tristeza e de dor. Ao mesmo tempo que no adorno exterior brilhava o ouro e a mais preciosa pedraria, trazia rente a suas delicadas carnes um áspero cilício e passava as noites em fervorosa oração para alcançar do Senhor que desvanecesse aquele tratado, ou, em caso de efetuar-se, a amparasse com extraordinária proteção para conservar intacta sua virginal integridade. Quando ouvia os instrumentos músicos que ressoavam em casa de seus pais, elevando seu espírito a seu celestial Esposo lhe dizia: «Uma graça vos peço, dulcíssimo Jesus meu, e é que nem meu coração nem meu corpo percam jamais uma mínima parte de sua inteireza: não seja eu frustrada deste favor que espero de vosso poder.» Chegou, enfim, o dia da boda; mas aquele Deus, em quem havia posto toda a sua confiança, foi guarda fiel de sua virginal pureza. Logo que se viu a sós com seu esposo Valeriano, falou-lhe desta maneira: «Valeriano, um segredo tinha que confiar-te; mas não o farei enquanto não me empenhares tua palavra de que não há de sair de teu peito.» Empenhou-lha Valeriano, e Cecília prosseguiu dizendo: «Pois hás de saber que a guarda de meu corpo está a cargo de um daqueles espíritos celestiais que servem a meu Dono e a meu Rei na corte do empíreo: sentinela invisível de minha virgindade, que a defende contra todos os que se atrevam a atacá-la; e, se pretendesses tu violar este sagrado, desde o mesmo ponto se declararia inimigo teu; mas, ao contrário, se o respeitares e me deixares intacta, experimentarás tu o mesmo amor que me professa a mim e gozarás como eu de sua formosíssima presença.» O Senhor deu a estas palavras toda a eficácia e toda a moção que Cecília desejava; tanto que desde aquele mesmo ponto começou Valeriano a olhar sua esposa com veneração e com respeito. Respondeu-lhe, pois, que só desejava ver aquele celestial espírito, protestando estar pronto a pôr em execução quanto lhe prescrevesse para fazer-se digno de tanto favor. Replicou-lhe Cecília que, para lograr aquela ventura, era indispensável crer em Jesus Cristo e batizar-se. Impaciente Valeriano com o aceso desejo de ver o Anjo, correu presuroso a receber o santo Batismo, que, depois de bem instruído, lhe conferiu o papa Urbano; e, voltando a sua casa, encontrou Cecília em oração dentro de seu quarto e a seu lado um formosíssimo Anjo, cujo semblante resplandecia como o sol, com duas asas acesas num puríssimo fogo e em cada mão uma coroa, tecidas ambas de rosas e de açucenas de um frescor incomparável, sendo sua formosura enlevo dos olhos e recreio do olfato sua inexplicável fragrância. Pôs a cada um sua coroa na cabeça, dizendo-lhes que o Esposo das Virgens lhes apresentava aquele regalo, cujas flores jamais se murchavam nem perdiam o suavíssimo odor, mas que não poderiam ser vistas senão das almas puras e castas. Extático de gozo, Valeriano pediu a Deus com grande instância a conversão de seu irmão Tibúrcio; e, assegurando-lhe o Anjo que o Senhor lhe havia outorgado esta graça, desapareceu. Neste tempo entrou Tibúrcio na sala e, referindo-lhe fielmente Valeriano tudo o que havia sucedido, exortou-o a que imitasse seu exemplo. Instruiu-o Cecília: deu solução a todas as dificuldades, ficando tão convencido que logo saiu de casa, foi em busca do santo Pontífice e, tendo-o este catequizado, conferiu-lhe o sacramento do Batismo. Valeriano e Tibúrcio foram dois mártires de Jesus Cristo, sendo sua coroa triunfo e fruto das orações de Cecília. Depois de mortos os dois ilustres irmãos por sentença de Almáquio, prefeito de Roma, quis o juiz confiscar todos os seus bens; mas já a caridade de Cecília os havia derramado todos no seio dos pobres. Mandou prendê-la, com resolução de obrigá-la a sacrificar aos deuses ou de sacrificá-la a uma morte ignominiosa. Quando a levavam à cadeia, compadecidos os soldados de ver uma terna donzela, na flor de sua idade, de

extraordinária formosura, desprezar daquela maneira a vida, as honras, os bens e as esperanças do mundo, diziam-lhe lastimados e até enternecidos que faria melhor em render-se com docilidade a oferecer sacrifício aos deuses do império, para gozar da fortuna que lhe prometiam suas prendas, que obstinar-se com teimosia em defender uma religião proscrita e condenada por tantos editos dos Imperadores. Mas Cecília, dotada do espírito de Deus, que é espírito de discernimento, julgava sadiamente de tudo, dando a cada coisa seu legítimo valor, e assim lhes respondeu com aquela discretíssima doçura que abre o caminho à persuasão: «Bem se conhece, irmãos meus, que não sabeis quão glorioso é dar a vida por confessar a Jesus Cristo: minha maior paixão é o amor, é a ânsia pela coroa do martírio. A vós vos comove minha florida juventude e minha caduca beleza; mas tende entendido que não as perco pelo suplício, somente as troco por outras que possuirei eternamente. A troca é muito vantajosa para mim: cambio esterco por ouro, deixo uma casa vil para habitar um magnífico palácio e cedo uma vida perecível para entrar em posse de outra que jamais se há de acabar. Ponho aos pés umas pedras de nenhum valor para coroar-me no céu com um diadema cravejado de pedras que não têm preço. Dizei-me, irmãos, qual destes dois partidos vos parece que me trará mais conta?»

Acabado este discurso, que ouviram todos com muita atenção, subiu sobre uma pedra que estava perto por casualidade e, levantando a voz, perguntou-lhes se criam o que lhes acabava de dizer. Ó prodígio da Graça! Todos a uma voz lhe responderam: «Cremos que só se deve adorar por Deus a Jesus Cristo, que tem uma serva tão fiel e tão santa como tu.» — «Pois ide», replicou Cecília, «e suplicai de minha parte ao Prefeito me faça o favor de conceder-me um pouco mais de tempo; entretanto fazei vir a minha casa uma pessoa que por meio das águas do Batismo vos faça participantes da vida eterna de que vos acabo de falar.» Foram dar o recado ao Prefeito; e a Santa por sua parte enviou outro ao papa São Urbano, o qual acudiu em diligência e batizou mais de quatrocentas pessoas de um e outro sexo, e entre elas foi um Gordiano, célebre romano, que depois, com sua muita autoridade, conservou a casa de Cecília e secretamente a consagrou em igreja, onde esteve por algum tempo escondido o mesmo São Urbano, oferecendo nela o tremendo sacrifício da missa. Persuadido Almáquio de que a Santa, por conservar a vida, se havia rendido enfim a seu desejo, mandou chamá-la e lhe disse: «Dize-me, filha minha, como te chamas e que qualidade é a tua?» — «Chamo-me Cecília», respondeu a Santa, «e sou de casa muito ilustre.» — «Não pergunto isso», replicou o Prefeito, «mas que religião professas.» — «Pois explicaste-te mal (repôs Cecília), porque tuas perguntas não falavam de religião.» — «E tu te explicas com demasiado atrevimento», disse-lhe ressentido Almáquio. — «Não o estranhes», respondeu a Santa, «porque é próprio da boa consciência e da verdadeira fé falar com liberdade e sem covardia.» — «Pela conta não deves de saber (replicou o Prefeito) que os juízes temos poder sobre a vida e sobre a morte.» — «Muito te enganas nisso», respondeu a valorosa donzela: «essa autoridade de que tão vãmente te jactas reduz-se a ser um infeliz ministro da morte, abusando de tuas faculdades para tirar a vida aos inocentes; mas não as tens para dá-la ao mais desprezível inseto: nem tua autoridade nem tua jurisdição chegam a tanto: e assim deixa de ponderar com ridícula jactância esse teu quimérico poder.» Assombrado o Prefeito da discrição e do desembaraço de Cecília, disse-lhe enfim que obedecesse às ordens do Imperador e sacrificasse aos deuses do império. «Lastimosa cegueira seria (respondeu-lhe a Santa com generosa resolução) oferecer incenso a um pedaço de madeira, dobrar o joelho a uma figura de pedra e render a uma estátua a suprema adoração que só a Deus vivo se deve. E em conclusão, Almáquio, em vão te cansas

intentando contrastar-me; nenhuma coisa do mundo será capaz de romper os amorosos laços que me estreitam com meu Senhor Jesus Cristo.» Irritado o Prefeito de sua constância, mandou que a restituíssem a sua casa e que nela mesma a fechassem dentro de um banho quente, onde perdesse a vida sufocada dos vapores e das chamas. Vinte e quatro horas se manteve nele sem receber lesão alguma nem experimentar mais incômodo que se estivesse recreando num banho de água doce, apesar das diligências que se faziam para avivar a voracidade do incêndio, convertendo Deus o ardor das chamas em delicioso refrigério, como na fornalha da Babilônia. Informado o Juiz daquele prodígio, despachou um verdugo para que no mesmo banho lhe cortasse a cabeça. Descarregou sobre ela três golpes e ainda a deixou pendente e viva, em cujo estado se manteve três dias, empregando todo este tempo em exortar os fiéis à constância na Fé. Belo espetáculo para os que visitavam a jovem delicadíssima Mártir ler a mesma firmeza que ela lhes pregava nos sangrentos caracteres que havia estampado em seu terno corpo o cruel aço! Muita graça tem pregar a Fé quando se está a ponto de expirar por defendê-la. Isto fez Cecília no dia 22 de novembro do ano de nossa salvação 232.

Adição

Seus sagrados ossos foram depositados em parte do cemitério de Calisto, cujo distrito foi chamado depois cemitério de Cecília. No século V faz-se menção de uma antiga igreja desta Santa em Roma, por ter tido nela o papa Símaco um concílio no ano de 500. Tendo vindo em decadência, começou a reedificá-la o papa Pascoal I; mas lhe custava muito desassossego como encontraria o corpo da Santa, que se cria haver sido tirado pelos lombardos, como o haviam feito com outros muitos nos cemitérios de Roma quando cercaram aquela cidade no tempo do rei Astolfo, ano de 755. Um domingo em que este Papa estava assistindo às matinas na igreja de São Pedro, sentiu-se cansado e ficou indeliberadamente dormindo, em cujo sonho foi advertido da mesma Santa Cecília que os lombardos não haviam podido encontrar seu corpo, ainda que o tivessem buscado, e que o acharia se o buscasse; e com efeito o descobriu no cemitério chamado de seu nome, vestido de um rico tecido de ouro, com uns panos a seus pés empapados em sangue. Com ele se encontrou o de Valeriano, seu marido; e o Papa mandou que se trasladassem a sua igreja dentro da cidade, como também os corpos de Tibúrcio e Máximo, mártires, e os dos papas Urbano e Lúcio, que jaziam no próximo cemitério de Pretextato, na mesma via Ápia. Esta trasladação se fez no ano de 821. O papa Pascoal fundou um mosteiro em honra destes Santos, perto da igreja de Santa Cecília, para que os monges celebrassem o ofício divino dia e noite. Adornou aquela igreja com grande magnificência e deu-lhe imensidade de alfaias de prata; e entre outras um cibório ou tabernáculo de quinhentas libras de peso e um número excessivo de ricos tecidos para cortinas e outras espécies de ornamentos, num dos quais estavam Santa Cecília, Valeriano e Tibúrcio recebendo suas coroas da mão dos Anjos. Esta igreja, que dá título a um presbítero cardeal, foi suntuosamente reedificada no ano de 1599 pelo cardeal Paulo Emílio Sfondrati, sobrinho do papa Gregório XIV, quando Clemente VIII mandou que se tirassem os corpos destes Santos de debaixo do altar-mor e se depositassem numa abóbada suntuosa da mesma igreja, chamada a Confissão de Santa Cecília: foi de tal modo enriquecida pelo citado cardeal Sfondrati que pasma a todo o que a visita. Esta igreja é chamada *in Trastevere*, ou ao outro lado do Tibre, para distingui-la de outras duas do mesmo nome em Roma.

Santa Cecília, por sua continuidade em cantar os divinos louvores (em cujo ato, segundo suas atas, costumava unir algum instrumento ao acento de sua voz), venera-se como padroeira da Música eclesiástica. Os Salmos e muitos sagrados cânticos em várias outras partes das sagradas Letras e a prática universal, tanto da antiga igreja judaica como da cristã, recomendaram o religioso costume de empregar uma música decente e grave ao cantar os louvores divinos. Neste tributo de louvor unimo-nos com os espíritos celestiais em seus nunca interrompidos cânticos de adoração e amor. E nesta música expressamos a espiritual alegria de nossos corações nas funções celestiais e excitamo-nos a santo júbilo e adoração. O amor e o louvor são obras do coração, sem cujos afetos as vozes e os sinais exteriores são uma hipocrisia e uma zombaria abominável. Não obstante, como estamos obrigados a consagrar também a Deus nossas vozes e todos os nossos órgãos sensitivos, também devemos empregar tudo em engrandecer aquela santidade infinita, aquela grandeza e aquela glória, acompanhando nossos interiores afetos de devoção com os sinais exteriores mais expressivos. São João Crisóstomo pondera elegantemente os bons efeitos da música sagrada e manifesta quão fortemente se inflama na alma o fogo do amor divino com o devoto canto dos Salmos. (*In Ps. 11*, t. 6, p. 1514.) Santo Agostinho ensina «que é muito útil para mover piedosamente a alma e acender nela o fogo do divino amor.» (*Ep. 55.*) E acrescenta que, quando estava recém-convertido a Deus, movia-se a pranto ao ouvir cantar os Salmos na igreja. Mas também adverte o risco de deixar-se levar demasiado dos acentos só da melodia e confessa que às vezes se deleitou mais na música que moveu seu coração com seus afetos, pelo que se confessa e repreende a si mesmo severamente.

Santa Cecília, Santa Águeda, Santa Luzia e Santa Inês são as quatro Mártires mais celebradas na Igreja latina, das quais se faz expressa memória no cânon da missa e nas ladainhas antigas e modernas. (Butler.)

Santa Tigrídia, Abadessa do Mosteiro de Oña

Tigrídia era filha dos condes de Castela D. Sancho e D.ª Urraca, a qual, como não quisesse viver secular, mas consagrada a Deus, nomearam-na seus pais primeira abadessa do mosteiro de São Salvador de Oña, fundado e dotado ricamente por eles em Bureba, a quatro léguas de Briviesca, no ano 1011. Ainda que o principal intento dos Condes na fundação do mosteiro foi colocar sua filha onde servisse a Deus fora do século e o destinaram principalmente para religiosas, acrescentaram-lhe, contudo, monges que as governassem e formassem por si comunidade, como nos demais mosteiros que chamavam Duplos. Enquanto esta serva de Deus se instruía nas leis e costumes da vida religiosa, governou aquela casa uma irmã do Conde fundador chamada Oñeca ou Iñiga, monja em Cillaperlata: o abade dos monges se chamava João. A infanta Tigrídia desempenhou muito cumpridamente a obrigação de seu novo estado e viveu tão religiosamente que é tida por Santa naquele insigne mosteiro. Tamayo, sobre o dia 22 de novembro, põe o seguinte elogio: «*In Cœnobio Onniensi prope urbem Burgensem in Hispania Citeriori, depositio S. Tygridiæ Abbatissæ, quæ sanctitate et religione clara, et miraculis et virtutibus celebris, tandem ad Sponsi diu*

desiderati sancta dormitione pervenit amplexus.» Yepes e Marieta a nomeiam também Santa. Grande peso acrescenta a esta tradição o haver-lhe sido dada sepultura dentro da igreja num tempo em que até os reis eram enterrados no átrio. Colocaram-na depois no altar de Santo Iñigo, como refere Argaiz, t. 6, pág. 441. Esta é prova autêntica de tê-la por Santa.

Com a falta da santa Abadessa decaiu lastimosamente no mosteiro a disciplina regular. D. Sancho o Maior, rei de Navarra e de Aragão (depois que sua mulher D.ª Nunha, irmã de Tigrídia, herdou o condado de Castela), tendo obtido antes faculdade apostólica e de todos os bispos de seu reino, excluiu deste mosteiro as monjas, deixando-o só aos religiosos, cujo primeiro abade neste novo estado foi um monge sobressalente chamado García. (Flórez, t. 27, pág. 258.)

São Columbano, Abade e Confessor

Foi São Columbano natural de Leinster, uma das principais províncias da Irlanda, e nasceu a meados do século VI. O instituto monástico recebia então naqueles países um grande lustre da eminente santidade dos que o professavam, os quais fizeram da Irlanda ilha de Santos e depósito de sagrada literatura. Abundava de mosteiros, que eram outras tantas escolas de doutrina sagrada, sendo o mais numeroso e célebre deles o de Bangor, no condado de Down, fundado por São Comgal pelos anos de 550 e sob cuja direção passaram uma vida angélica muitíssimos fervorosos servos de Deus. Cultivavam a terra com suas próprias mãos e faziam outros lavores manuais sem interromper a oração e a contemplação celestial. Aplicavam-se também aos estudos sagrados, nos quais São Comgal foi um mestre excelente, e a regra destes monges havia sido tomada da de São Basílio e de outros orientais.

São Columbano, depois de haver aprendido os rudimentos das ciências sob o ensino de São Sinell em Cleenish, tomou o hábito religioso em Bangor e viveu ali vários anos entregue às mais austeras práticas de penitência e mortificação. Tais foram os adiantamentos que fez nas ciências sagradas que o tinham nelas por uma espécie de oráculo; e ainda sendo muito jovem compôs um Comentário sobre os Salmos, para que lhe servisse de ajuda a sua própria devoção e à de outros ao rezar os louvores divinos, obra que desgraçadamente se perdeu. Para desprender-se mais do mundo e dos vínculos das coisas e respeitos terrenos, desejou, como outro Abraão, passar a algum país desconhecido; e, tendo comunicado seu desígnio a São Comgal, obteve sua licença e bênção, ainda que não sem muita dificuldade; porque este santo Abade sentia na alma perder um assistente como ele e só consentiu nisso por conhecer que a resolução de Columbano era conhecidamente inspiração de Deus para maior glória sua.

Saiu, pois, São Columbano de Bangor com outros doze monges, sendo de uns trinta anos de idade. Passou à Bretanha e dali à Gália, onde arribou no ano de 585. A disciplina eclesiástica estava ali então muito descuidada, por causa das incursões dos bárbaros; poucos lugares havia onde se praticasse a penitência nem se observasse mortificação alguma. Columbano pregava por quantos

lugares passava, acrescentando grande peso a suas instruções a santidade de sua vida. Era tão humilde que disputava sempre o ínfimo lugar a seus doze companheiros. A reputação de Columbano chegou à corte do rei de Borgonha, Gontrão, que lhe suplicou permanecesse em seu reino, oferecendo-lhe quanto terreno quisesse para erigir mosteiros em várias partes. Columbano assinalou para isto o antigo e ruinoso castelo de Annegray, situado no deserto dos Vosges, na parte montuosa do que presentemente chamam Lorena. Ali ergueu seu primeiro mosteiro, que muito logo se considerou estreito para o número das gentes que solicitavam viver sob a direção do Santo, pelo que ergueu outro mosteiro em Luxeuil, oito milhas distante do primeiro. Este veio a ser com o tempo a casa matriz de sua Ordem. Outro mosteiro fundou também Columbano como umas três milhas de Luxeuil, que por razão dos muitos mananciais que há naquele lugar é chamado Fontaine. Nomeou por superiores destes mosteiros pessoas de provada virtude. Dezesseis discursos ou instruções que fez e deu a seus monges, e outros muitos que destes mesmos se infere haver escrito, foram publicados na *Biblioteca dos Padres* (t. 12, p. 9, 21, 80, n. 11). Falando do desprezo do mundo, exclama o Santo: «Ó vida transitória, a quantos tens enganado, seduzido e cegado! Se considero a rapidez de teu voo, és nada: tua existência é muito pouco mais que uma sombra. Os que depositam em ti seus corações não te conhecem sem dúvida: só te entendem os que desprezam teus encantos. Mostras-te e desapareces num momento como uma mentida sombra ou fantasma. Que és tu mais que uma veloz carreira, uma coisa que passa como um pássaro voando, uma nuvem vaga, um vapor frágil e uma sombra que se desvanece?»

Os curtos poemas de São Columbano sobre assuntos piedosos e de moral manifestam haver sido um bom poeta para aquele século. Porém de suas obras nenhuma mais justamente é admirada que sua Regra, que inseriu São Bento de Aniane em sua Coleção das regras monásticas e que está cheia de instrução e sabedoria espiritual.

Resplandecia o santo abade Columbano como um sol no mundo com sua santa vida, com sua doutrina e com o governo de seus mosteiros, quando se levantou contra ele uma tormenta que o arrojou do reino de Borgonha. Teodorico, que sucedeu a seu pai Childeberto no reino de Borgonha no ano de 596, sob a direção de sua avó Brunilda, tinha um respeito grande a São Columbano, que vivia em seus domínios, e até o visitava muitas vezes. O Abade o repreendeu porque tinha concubinas, em lugar de buscar mulher legítima; e o Rei lhe respondeu que lhe prometia a reforma de seus costumes segundo seus conselhos. Temerosa Brunilda de que arruinasse seu crédito, começou a exasperar-se contra o varão de Deus. Aumentou-se mais seu ressentimento quando lhe recusou sua bênção para os quatro filhos naturais do Rei, dizendo-lhe o Santo: «Não herdarão eles o reino; são frutos da abominação.» Além disso, São Columbano lhe negou a entrada em seu mosteiro quando foi visitá-lo, porque fazia outro tanto com todos os demais homens e mulheres. A ira não a deixava, pois, respirar. Vendo o Abade que o Rei não lhe cumpria a palavra que lhe havia dado de deixar suas concubinas, escreveu-lhe uma carta algo rígida, ameaçando-o com a excomunhão se não mudasse de vida. Brunilda valeu-se daquela oportunidade para incitar o Rei contra ele, que o desterrou primeiro a Besançon e mais adiante mandou a dois cavaleiros que o conduzissem a Nantes e ali mesmo o vissem passar à Irlanda, no ano 610, depois de haver santificado o deserto dos Vosges por espaço de vinte e cinco anos.

Fez-se à vela, mas contrariado dos ventos, acolheu-se a Clotário II, que reinava na Nêustria. O Santo predisse a este Príncipe que toda a monarquia passaria a suas mãos antes de cumprir três

anos. Voltou, pois, por Paris e Meaux e veio à corte de Teodeberto, irmão maior de Teodorico, rei de Borgonha, de quem foi muito bem recebido. Com esta proteção foi, com alguns discípulos que se lhe juntaram, a pregar o Evangelho aos infiéis que havia perto do lago de Zurique. Tomou, pois, sua habitação numa solidão perto de Zug; e seus habitantes eram cruéis, ímpios e idólatras. Tendo começado a pregar o Deus verdadeiro, encontrou-os um dia dispondo-se para fazer um sacrifício e colocando no meio da multidão do povo um caldeirão cheio de cerveja; perguntou-lhes que pretendiam fazer com aquilo: eles lhe responderam que oferecê-lo a seu deus Wodan. São Columbano foi para ele e, no momento em que lhe soprou, fez-se em pedaços a vasilha com um estrépito grande, e toda a cerveja se derramou pelo chão. Surpreendidos ficaram os bárbaros, e então os exortou o Santo a que abandonassem suas superstições e se retirassem a suas casas. Muitos se converteram e se batizaram: outros que haviam sido antes batizados voltaram ao jugo suave do Evangelho.

São Galo, que acompanhou o Santo desde a Irlanda, arrebatado de zelo pôs fogo aos templos pagãos, arrojou todas as pessoas que estavam neles e lançou todas as suas oferendas ao lago: cuja ação só a pôde fazer com a aprovação presuntiva do povo. Mas vários que estavam obstinados na idolatria enfureceram-se com ela, resolveram matá-lo e açoitar São Columbano, desterrando-o depois de todo aquele país. Noticioso o Santo daquele desígnio, retirou-se a Arbon, sobre o lago de Constança, onde um sacerdote daquele povo chamado Willimar o recebeu com seu companheiro e lhes ensinou um vale onde ainda se descobriam as ruínas de uma pequena cidade chamada Brigantium, agora Bregenz. Neste sítio acharam São Columbano e seu companheiro um oratório dedicado em honra de Santa Aurélia, perto do qual ergueram eles umas estreitas celas para sua habitação. O povo havia sido instruído na Fé, mas havia incorrido outra vez na idolatria e até erigido neste mesmo oratório três estátuas de bronze que chamavam eles deuses tutelares daquele país. São Columbano mandou a São Galo, que entendia a língua do país, que lhes pregasse o Evangelho: assim o fez, e depois fez em pedaços os ídolos e arrojou o metal ao lago. São Columbano abençoou a igreja, ungiu o altar, depositou debaixo dele as relíquias de Santa Aurélia e disse missa. O povo manifestou uma satisfação grande e voltou ao culto do Deus verdadeiro. São Columbano continuou em Bregenz perto de três anos e ergueu ali um pequeno mosteiro. Alguns de seus discípulos trabalhavam em cultivar um horto, outros cuidavam das árvores, alguns da pesca, e o Santo mesmo fazia redes.

Neste tempo estavam em contínuos debates Teodorico e Teodeberto e, derrotado este último, foi traidoramente entregue pelos seus e enviado por seu irmão a Brunilda, avó deles, a qual, tendo da sua parte Teodorico, obrigou-o a receber as sagradas ordens e poucos dias depois lhe tirou desumanamente a vida. Vendo São Columbano que Teodorico, seu inimigo, se havia feito dono do país em que habitava, passou à Itália com alguns de seus discípulos. Achou uma acolhida favorável em Agilulfo, rei dos lombardos, e sob sua proteção fundou o famoso mosteiro de Bobbio, num deserto dos montes Apeninos, perto das ribeiras do Trebbia. Também ergueu um oratório em honra de Maria santíssima, perto do qual viveu numa cova entregue às maiores austeridades. Em algumas temporadas do ano visitava seu mosteiro.

O abade Jonas, na vida de São Columbano, nos diz que este Santo confutou os Arianos entre os lombardos com muito vigor e fruto, particularmente em Milão, e que compôs contra eles um livro muito erudito que se perdeu depois. Viveu São Columbano no governo do mosteiro de Bobbio

menos de um ano e morreu no 21 de novembro do ano de 615. Em seu poema sobre Fedolio, que parece haver escrito pouco antes de morrer, diz que havia chegado à olimpíada dezoito; por conseguinte tinha então ao menos setenta e dois anos de idade. O Breviário dos Beneditinos da França o chama um dos principais patriarcas do instituto monástico, especialmente naquela nação, onde muitos mosteiros seguiam sua regra até que, no tempo de Carlos Magno, por razão da uniformidade, receberam todos a de São Bento. Muitos e notáveis foram os milagres que Nosso Senhor operou por São Columbano em vida e em morte, sendo honrado em muitas igrejas da França, Itália e outros países. (Butler.)

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Cecília, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos annua beatæ Cæciliæ, virginis et martyris tuæ, solemnitate lætificas: da, ut quam veneramur officio, etiam piæ conversationis sequamur exemplo. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais na festividade de vossa virgem e mártir a bem-aventurada Cecília: concedei-nos que imitemos com o exemplo aquela a quem solenizamos com a veneração e com o culto. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico.

Eclesiástico 51,13-17

> **Latim:** 13 Exaltasti super terram habitationem meam, et pro morte defluente deprecatus sum. 14 Invocavi Dominum patrem Domini mei, ut non derelinquat me in die tribulationis meæ, et in tempore superborum, sine adjutorio. 15 Laudabo nomen tuum assidue, et collaudabo illud in confessione : et exaudita est oratio mea, 16 et liberasti me de perditione, et eripuisti me de tempore iniquo. 17 Propterea confitebor, et laudem dicam tibi, et benedicam nomini Domini.

Português: [13] Tu me fizeste na terra uma elevada habitação e eu te roguei que me livrasses de ser arrebatado na torrente da morte. [14] Eu invoquei ao Senhor pai de meu Senhor, para que me não deixe sem socorro no dia da minha tribulação e durante o reino dos soberbos. [15] Louvarei incessantemente o teu nome, e celebrá-lo-ei na minha confissão, pois foi atendida a minha oração. [16] E livraste-me da perdição e tiraste-me do tempo de aperto. [17] Por isso eu te glorificarei, e cantarei os teus louvores, e bendirei o Nome do Senhor.

Reflexões

Meu Deus e meu Senhor: tendes-me preparada uma habitação que está muito elevada sobre a terra. Que pensamento de tanto consolo! E quantos recursos encontra nesta doce verdade um coração verdadeiramente cristão! A memória da Majestade consolava a Davi em todos os seus trabalhos, tanto no campo como no exército, já lutando com os leões, já combatendo contra Golias: o pensamento de que algum dia havia de ser rei suavizava todas as suas fadigas. «Muito tenho que padecer (diria ele) nestes ásperos desertos: passo na verdade dias penosos e tristes; mas enfim algum dia hei de ser rei. Tenho inimigos e invejosos; sou perseguido pela justiça; vejo-me precisado a andar errante e fugitivo; faltam-me as coisas mais necessárias para a vida; mas hei de ser rei algum dia.» Oh, quantos desgostos nos pouparíamos! Ou ao menos que consolo encontraríamos nas misérias e nos trabalhos desta vida se, considerando-nos como futuros cidadãos da corte celestial, como filhos adotivos de Deus vivo pelo sacramento do Batismo, como herdeiros presuntivos da glória eterna, nos lembrássemos de que só estamos neste desterro, neste vale de lágrimas para reinar algum dia no céu em companhia dos bem-aventurados! «Muito tempo há (poderíamos dizer) que padeço, gemo e choro oprimido da pobreza numa infeliz obscuridade: em nenhuma coisa encontro mais que espinhos, abrolhos e cruzes que nascem debaixo de meus mesmos pés: molho o triste pão que como nas amargas lágrimas que derramo; mas um pouco de paciência e não mais: dia virá, se sou santo, em que me hei de ver no céu.» Coisa rara! Oferece-nos Deus uma vida bem-aventurada e eterna; mas, como se desconfiássemos de suas promessas, ou como se nos esquecêssemos dos desejos mais naturais, prosseguimos vivendo como se não tivéssemos outra vida que esperar. É demasiada verdade que há muitas pessoas no mundo a quem pouco se lhes dará de não ver a Deus, para quem não teria o céu grandes atrativos, contanto que pudessem viver eternamente na terra. Isto causa admiração; mas mais assombroso é o que se segue. Não só preferimos o viver eternamente na terra à vantagem de viver eternamente no céu, mas ainda esta curta, penosa e caduca vida que temos não deixamos de preferi-la à vida e à felicidade eterna. Dois dias de enlevo nos fazem esquecer aquele cúmulo de bens infinitos; alguns poucos passatempos insípidos e até extremamente amargos nos tiram o gosto a umas delícias inefáveis. Pospõe-se, sacrifica-se a posse de um Deus com todos os bens infinitos de que é manancial e origem ao menor objeto criado. Somos cristãos? Temos fé? E, se a temos, somos racionais? É preciso que nos falte uma de duas, ou a fé ou a razão, se já não nos faltam ambas. Consultemos nossas máximas, nossos desejos, nossa conduta: pensamos, procedemos, obramos como homens que só suspiram pelo céu?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da suprema desdita do homem

Primeiro ponto

Considera que a suprema desdita do homem é ser reprovado e rejeitado de Deus: *Nescio vos.* A posse de Deus é sua suprema ventura: quem se atreverá a negar esta verdade? Logo, perder a Deus e perdê-lo para sempre não pode deixar de ser sua maior desgraça.

Foi criado o homem para só Deus: este é nosso fim, nossa satisfação, nosso centro. Não há que consultar por isso senão a nosso coração. Depois de seis mil anos e mais que todos os homens estão trabalhando para fazer-se felizes, nenhum pôde encontrar repouso pleno e perfeito que fixasse, que satisfizesse todos os seus desejos: sempre fica neles um imenso vazio que não podem encher todos os objetos criados; e é porque o homem não se fez para eles. É mister que se eleve até o mesmo Deus; e, tomando este partido, encontra uma paz e um consolo que não acha em outra parte. Só Deus é seu fim e o centro de seu repouso: isto ainda desde esta vida: que será no céu por toda uma eternidade, comunicando-se Deus afetuosamente a uma alma, entregando-se todo a ela sem reserva; entrando-se esta e, por assim dizer, anegando-se no gozo, na felicidade do Senhor! Concebe, se é possível, o infinito valor, a imensidade desta ventura; mas concebe também pela mesma razão a desgraça de perder a Deus, de ser aborrecido, de ser reprovado de Deus, sendo objeto funesto de sua indignação e de sua cólera. *Nescio vos.*

Ainda que tivesses sido o monarca maior do universo, o homem mais poderoso, o mais feliz de todos os séculos; se no momento em que sais deste mundo te diz o Senhor: *Nescio vos*, não te conheço, não sei quem és, jamais te conhecerei, serás sempre objeto de horror a meus olhos, sempre abominável a meu coração, sempre matéria de minha acesa cólera. *Nescio vos*: que será de ti, e que serás tu mesmo por toda a eternidade?

Incorrer na desgraça de um pai, de um poderoso protetor de quem dependia toda a nossa fortuna, de um amigo que era todo o nosso consolo, é por certo bem triste situação. Perder um pleito cuja perda atrai consigo a de toda a família; ver-se um desgraçado com o soberano e por esta desgraça perder a honra, os empregos, os bens e sair desterrado de sua pátria: verdadeiramente que parece se devia preferir a morte a esta cruel cadeia de desgraças; mas, de boa-fé, que vem a ser tudo isto em comparação da reprovação eterna? Que decretos de príncipes, que sentenças de tribunais, que proscrições ignominiosas podem entrar em cotejo com aquele *Nescio vos* de um Deus sumamente irritado? Onde há raio que mais abrase, que mais aniquile, que mais desespere que estas terríveis palavras?

Fazei, Senhor, que compreenda eu bem todo o seu significado e todo o seu rigor; que penetre nesta vida toda a sua amargura, para não ouvi-la, para não experimentá-la jamais em toda a eternidade. *Confige timore tuo carnes meas: a judiciis enim tuis timui.* Cravai, Senhor, minha carne com vosso santo temor para estar mais distante de vossos terríveis juízos.

Segundo ponto

Considera que não há na terra mal que não tenha remédio; não há infortúnio, não há desgraça sem esperança; não há desdita que não admita consolo; mas busca-o para aquelas espantosas palavras: *Nescio vos.*

Se uma negociação se desgraça; se se malogra um negócio; se uma empresa considerável se frustra; se se perde uma rica herança; se num pleito injusto nos despoja de todos os nossos bens uma sentença iníqua; quando não há recurso na vida, consola o pensamento da morte, considerando que pode durar muito pouco aquela miséria; mas quando alguém se vê desgraçado com Deus; quando já não encontra nem amigos nem intercessores com ele; quando se secou para nós a fonte das misericórdias; quando já passou o tempo das graças; quando já não há mais tempo; quando sucedeu a eternidade a este punhado quase imperceptível de dias que se malograram miseravelmente, e se ouve a voz irritada de todo um Deus que no furor de sua cólera nos diz: «Não vos conheço; não sei quem sois»; e desde então nem se faz caso de nossos trabalhos passados, nem se apreciam nossos serviços, nem se trata de compaixão, nem se fala de misericórdia; não há que gemer, não há que chorar, não há que lamentar-se, não há que dar uivos de dor: *Nescio vos, nescio vos.* Essa prevenção a deverias ter feito com tempo; deverias ter velado, deverias não ter estado ocioso; deverias ter trabalhado em tua salvação enquanto durava o dia: já fechou a noite, já nada se pode fazer nela.

Essa vida de vinte e cinco, de quarenta, de sessenta anos só te foi concedida para que nela te dispusesses a receber o Esposo. A incerteza da hora em que podia chegar te obrigava a uma contínua vigilância. Não bastava ser virgem, era mister aplicar-te ao cumprimento de tua obrigação; não bastava ter as lâmpadas acesas, era preciso também ter feito provisão de azeite. Adormeceste, chegou o esposo; reparaste que se apagava a lâmpada, faltava azeite, quiseste ir buscá-lo, mas já era tarde. Um acidente, um desmaio obriga a chamar a toda pressa o confessor, acudir aos Sacramentos; mas entre estas pressas, entre este alvoroço da casa, entre esta confusão e entre este tropel de coisas chega o Juiz; pede-se-lhe um pouco mais de tempo para prevenir-se; mas quem ignora que isto já devia estar feito quando o Juiz chegasse? As portas da misericórdia se fecham com a vida; chama-se a elas, e só se nos responde: «Não vos conheço»; já não é tempo; começou para ti a desventurada eternidade, e essa mortal dor, essa raiva, esse desespero que já começou jamais há de ter fim, durará para sempre jamais.

Ah, Senhor, que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se perde sua alma? E que coisa lhe poderá ressarcir esta lamentável perda?

Causa admiração ver homens de bom juízo ocuparem-se dias, meses e anos inteiros nos negócios do mundo; separar-se para isto de tudo o que mais amam, e isto sem ter gosto, antes causando-lhes maior tédio aqueles enfadonhíssimos negócios, e sair depois desta vida sem ter pensado jamais com alguma seriedade nem no fim para que entraram nela nem no termo que depois dela hão de ter. Meu Deus, quão discretos e quão prudentes foram os Santos em não ter pensado em outra coisa toda a sua vida! Não permitais, Senhor, que as reflexões que acabo de fazer sirvam só para minha maior condenação e para minha eterna desdita.

Jaculatórias

Não me rejeiteis, Senhor, de vossa presença. (Sl 50.)

Aonde irei, Senhor, se não me quereis reconhecer por filho vosso? Aonde fugirei se não me quereis sofrer diante de vós? (Sl 138.)

Propósitos

1. A mais terrível desdita do homem nesta vida é o pecado e, para a outra, morrer em pecado. Perda de bens e de saúde; acidentes funestos e fatais; adversidades, perseguições e desgraças; todos estes imaginários infortúnios, que querem dizer no sentido mais natural? Só querem significar viver com alguma menos comodidade, baixar alguns graus aos olhos daqueles com quem estávamos a nível; ocupar o último lugar na apreensão dos homens; e, quando muito, ver-nos de repente despojados de tudo o que lisonjeava nossa ambição, de tudo o que fomentava nossa concupiscência, de tudo o que irritava nossas paixões, e experimentar este despojo poucos dias antes que a morte nos arrancasse tudo isso. Mas estar em pecado é ser objeto de horror a toda a corte celestial; é estar em desgraça de Deus; é merecer todos os tormentos do inferno; e morrer em pecado é ser este objeto de infâmia e de abominação, este insigne malvado, este triste pasto daqueles tormentos por toda a eternidade. A nada hás de ter horror senão ao pecado, e morrer em pecado é o que continuamente hás de temer. De todas aquelas coisas que se chamam trabalhos, aflições, desolações e misérias há recurso; mas morrer em pecado não admite consolo, não admite esperança, não admite remédio. Hás de procurar que este temor e este horror não só se te façam familiares, mas como naturais. Inspira-os a teus filhos, a teus criados e repete-lhes incessantemente aquelas palavras do Sábio: *Quasi a facie colubri fuge peccatum.* Fugi, filhos meus, do pecado como de uma serpente venenosa; porque, se vos aproximais dele, vos agarrará e vos devorará. *Dentes leonis, dentes ejus*: seus dentes são como os do leão, que fazem em pedaços as almas dos homens. *Plagæ illius non est sanitas*: a ferida que abre não tem cura. Não deixes passar dia algum, ou ao menos sejam muito poucos, sem repetir esta lição a teus dependentes e sem repeti-la também a ti mesmo.

2. Guarda-te muito daqui em diante de abandonar-te a esses excessos de desolação e de tristeza quando te suceda alguma aflição, algum trabalho. Tirou-te Deus o que te havia dado, o que não se te devia ou o que talvez seria muito pernicioso para ti. Pois a que fim esses desconsolos e essas queixas? Que agravio te fazem em tirar-te o que não era teu? Que direito têm os homens nem aos bens nem às honras temporais a que aspiram? Não te aflijas, pois, senão do pecado; quando te suceda algum contratempo, consola-te com que isso não é pecado. Suceda-te o que te suceder, por triste, por doloroso que seja, repete-te a ti muitas vezes com o Profeta: *Quare tristis es, anima mea? et quare conturbas me?* Que motivo tenho eu para estar triste nem para afligir-me? A perda deste pleito não é perda da graça; este contratempo não é pecado; não perco a amizade de Deus por esta desgraça que me sucede. *Quare tristis es?* Pois por que me hei de afligir por um acidente que não é coisa má? Algumas vezes pode mais a tristeza que as máximas, que os princípios da

Religião; mas as reflexões cristãs dissipam logo a mais negra, a mais sombria tristeza. Não há outro mal verdadeiro que o pecado; e morrer em pecado é o cúmulo de todas as desditas, é o supremo mal. Seja esta grande verdade a matéria mais comum de tua meditação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:00 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:00 by Admin